



Para o autor, é preciso lembrar que os nativos não foram derrotados pela suposta superioridade dos espanhóis

LIVROS

Uma nova História

Pesquisador americano discorre sobre sete mitos da colonização

FÁBIO T. DE SA
São Paulo

Uma visita ao Peru, Tintin, personagem criado pelo quadrinista belga Hergé, é aprisionado por indígenas nos Andes. Condenado à morte, o “herói”, sabendo de antemão da ocorrência de um eclipse naquele dia, pede ao deus Pachacamac um sinal de que deveria ser salvo. Quase que instantaneamente, o Sol é ocultado. Desta forma, o engenhoso Tintin, tal qual o Ulisses de Homero, consegue escapar do infortúnio. Sua artimanha revela-se ainda mais digna de louvores quando contraposta à ingenuidade dos superstitiosos andinos.

O episódio, extraído da aventura ilustrada “O Templo do Sol”, de 1949, é umas das imagens evocadas pelo livro “Sete Mitos da Conquista Espanhola”, de autoria de Matthew Restall, professor associado de História Latino-Americana, Estudos Femininos e Antropologia e diretor de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos.

A intenção da obra de Restall é demonstrar como a chamada “conquista” — um termo melhor seria invasão — espanhola da América foi marcada por mi-

tos de superioridade dos europeus em relação aos nativos. No caso de Tintin, a exagerada superstição dos índios americanos foi fundamental para seu plano de fuga. Essa mesma superstição teria sido, na visão dos conquistadores, uma das razões da vitória da civilização, representada pelos espanhóis contra a barbárie personificadas pelos indígenas.

Ao longo do livro, Restall tenta desconstruir este e outros lugares-comuns criados pelos cronistas da época e perpetuados

pelos historiadores dos séculos seguintes. Para tanto, o autor cruza indagações de fontes do período

do como, por exemplo, os relatos de conquista de Tenochtitlán, a capital do Império Asteca — cujo governante máximo quando da chegada dos invasores era Montezuma — escritos por Bernal Díaz del Castillo, membro da expedição espanhola liderada por Hernán Cortés e descrições feitas pelos próprios indígenas na língua náuatle, compilados num documento chamado Códice Florentino.

Um dos mitos mais difundidos é o da superioridade inerente dos espanhóis, justificada pelo fato de que estes conseguiram vencer os nativos mesmo estando em notável desvantagem nu-



Retrato do conquistador Hernán Cortés, um herói mitificado

mérica, além de exauridos pela travessia marítima. Tal fato foi usado para enfatizar a distinção entre os bravos ibéricos e os pusilânimes selvagens.

Contestando essa idéia, Restall, escrevendo especificamente sobre a queda do Império Asteca, afirma que os espanhóis podem ser considerados meros

coadjuvantes no episódio, uma vez que outros povos nativos travavam uma guerra civil contra os súditos de Montezuma. Cortés e seus homens, foram, na verdade, utilizados por outras lideranças indígenas para combater o inimigo asteca.

Além dos aliados nativos, os espanhóis contaram também

com a forte presença numérica de africanos escravos e livres — chamados pelo autor de “guerreiros invisíveis” — lutando nas suas hostes. Esta invisibilidade pode ser creditada à construção do mito da conquista: não se pode permitir que alguém se sobreponha ao gênio espanhol personificado pelo já citado Cortés ou por Francisco Pizarro, conquistador da América Andina.

Além destes fatores, não se pode esquecer que junto com os espanhóis e os africanos aportaram na América outros inimigos, doenças como sarampo e varíola, que acabaram por revelar-se extremamente letais para os indígenas. E os espanhóis, longe de comemorarem esta “ajuda” inesperada, mostraram-se preocupados, uma vez que os tributos que cobravam dos indígenas diminuía com o aumento do número de mortos.

As doenças, a falta de união entre as os povos indígenas e o aço formam, segundo Restall, a tríade responsável pela consecução da conquista. Este último elemento é materializado na forma de espadas longas que permitiam aos espanhóis o combate corpo-a-corpo, segurando assim um exército inimigo até que seus aliados pudessem ajudá-los. Apesar da propalada superioridade bélica espanhola — outro mito que o autor derruba — foi a espada e não os canhões ou uma tática de guerra avançada que contribuiu para a derrota indígena.

O autor sugere também que, longe de ser obra de um suposto gênio ibérico, a invasão — ou conquista — “estava ligada a uma perspectiva histórica maior que transcende aos espanhóis: a expansão ultramarina” que, em última instância, “não fala de uma superioridade espanhola, ou mesmo da Europa Ocidental”.

A grande qualidade do trabalho de Restall é, sem dúvida, a releitura crítica das fontes utilizadas por aqueles que glorificam os feitos dos grandes homens espanhóis, dos quais Cortés e Pizarro são os maiores exemplos, sem levar em conta o papel ativo dos indígenas e a sua negação à subversão automática. Há várias possíveis interpretações, mas elas estão longe de referendar uma superioridade intelectual e cultural dos espanhóis sobre os nativos da América.

Apesar de se tratar de uma obra sobre um episódio específico, Restall propõe um questionamento mais amplo. Além de oferecer uma nova visão sobre um evento histórico, o autor deixa claro que é hora de rever os conceitos sobre termos como civilizado e bárbaro. ■

E STANTE

tsesmana@gazetamercantil.com.br



Os Vendilhões do Templo de Moacyr Scliar
Companhia das Letras, 298 págs., R\$ 43 —

A expulsão de vendedores ambulantes do Templo de Jerusalém — relatada em poucas linhas no Evangelho de São Mateus — é o ponto de partida para uma narrativa original, que se desdobra em três épocas distintas, 33 d.C., 1635 e 1997.

Mortos Incômodos de Paco Ignacio Taibo II e subcomandante Marcos
Planeta, 240 págs., R\$ 37,50 —



— Escrito por um líder zapatista e por um romancista, o livro, considerado um manifesto contra os abusos de poder no México, conta a história romancada de Morales, suposto assassino de um militante da Libertação Nacional.



Elite da Tropa de Luiz Eduardo Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel
Objetiva, 315 págs., R\$ 37,90 —

— Baseado em fatos reais, o livro revela o cotidiano dramático de policiais treinados para integrar a melhor tropa de guerra urbana do mundo.

O Imperador do Olfato — Uma História de Perfume e Obsessão de Chandler Burr
Companhia das Letras, 412 págs., R\$ 53 —



O livro conta a história de um homem obcecado não apenas pelos aromas, mas por respostas definitivas para o enigma do olfato.



Moshe Dayan — Uma Biografia de Martin van Creveld
Globo, 248 págs., R\$ 42 —

O especialista em História Militar e professor da Universidade Hebraica, em Jerusalém, faz um relato da vida do general que chefiou o exército de Israel durante os anos de fixação do território.

OAB X Ditadura Militar de Cid Vieira de Souza Filho
Quartier Latin, 237 págs., R\$ 45 —



O advogado criminalista traz entrevistas inéditas com advogados de expressão nacional sobre o árduo trabalho da OAB/SP para valer seus direitos e suas leis durante a ditadura.



Escritos & Ensaios de Norbert Elias
Jorge Zahar, 240 págs., R\$ 29,90 —

Considerado um dos principais sociólogos do século XX, o autor aborda temas relativos ao processo de civilização, abrindo discussões sobre grupos sociais e suas diversas formas de organização.

A Casa do Santo & o Santo da Casa de Rodolfo Witzig Guttilla
Landy, 224 págs., R\$ 15 —



O volume biografava sociologicamente a história da devoção e fé de um dos santos mais populares no País, São Judas Tadeu, por meio de uma pioneira campanha de comunicação e marketing feita pela Congregação do Sagrado Coração de Jesus.

A crítica como manifesto

Obra compila melhores textos de Maria Lúcia Candeias, crítica de teatro da “Gazeta Mercantil”

ALEXANDRE STAUT
São Paulo

A crítica de arte sempre é relativa, ou seja, é interessante que o leitor se acostume com as preferências do crítico e que ele, o próprio leitor, também tenha o hábito de se manifestar. Assim poderá ser feita a crítica da crítica.

A análise é de Maria Lúcia Candeias, que acaba de reunir seus melhores textos escritos para a Gazeta Mercantil entre 1997 e 2002 no volume “Duas Tábuas e Uma Paixão — O Teatro que Eu Vi”, em uma coletânea que mostra a dimensão de sua produção no período, e as transformações estéticas ocorridas no teatro nos últimos anos.

“A crítica é um documento histórico importante para se traçar o panorama artístico de

uma época, de determinado artista ou de uma companhia. No caso do teatro, a crítica tem papel fundamental, já que esta arte é efêmera, diferentemente da crítica de cinema, por exemplo”, diz Maria Lúcia.

O título do livro foi emprestado de uma frase de Shakes-

Duas Tábuas e Uma Paixão — O Teatro que Eu Vi de Maria Lúcia Candeias
Imesp, 416 págs., R\$ 9

elencos”, completa. Ela se lembra de que, certa vez, fez com que Celso Nunes se surpreendesse com uma crítica que salientava acertos dos quais ele não tinha plena consciência.

“Muitas vezes, fazem grandes elogios ao meu trabalho. Antunes Filho, por exemplo, ligou-me quando escrevi sobre sua montagem para ‘Macunaima’ e disse que fui a única pessoa a entender sua proposta”, diz.

Entre as tendências comentadas pela autora entre 1997 e 2002, está uma análise do realismo fantástico que o teatro nacional experimenta em 2002, época em que se opta por encenações mais didáticas, ou então em períodos nos quais dramaturgos procuram levar aos palcos personagens condenados apesar de inocentes. Na última parte do livro, a autora seleciona textos sobre diferentes aspectos de políticas culturais voltadas para o teatro ou para a formação de plateias.

“Nem sempre a imprensa capta e assinala as potencialidades do teatro. Muitas vezes, por exemplo, não damos a devida atenção a artistas iniciantes ou a projetos atuais”, diz. Ela aborda este aspecto da crítica especializada no texto “Dissonância Reveladora”, escrito em 2001, no qual discorre



Denise Stoklos: reclamações sobre a imprensa

sobre um prêmio recebido por Denise Stoklos. Maria Lúcia observa que, em vez de agradecer, a mímica paranaense reclama da imprensa, alegando que quando precisava de apoio, no início da carreira,

não chamaram a atenção para seu trabalho. “O crítico deve trabalhar antenado o tempo todo para que possa discutir tanto o trabalho de monstros consagrados dos palcos assim como de iniciantes.” ■